

ASLANOV, Cyril. *A tradução como manipulação*. São Paulo: Perspectiva, 2015. 112 p. (Coleção Debates). Traduzido por: Casa Guilherme de Almeida.



Rosangela Fernandes ELEUTÉRIO¹
Universidade Federal de Santa Catarina

O linguista franco-israelita Cyril Aslanov é um dos mais importantes e respeitados professores da Universidade Hebraica de Jerusalém. Professor emérito nos departamentos judaico e de filosofia da citada universidade, falante de mais de 10 idiomas diferentes, teve seu livro *Tradução como Manipulação* lançado no Brasil em 2015 pela editora Perspectiva.

O livro trata de um breve curso intitulado “A tradução como manipulação”, que Aslanov ministrou (em português) no Centro de Estudos de Tradução Literária Casa Guilherme de Almeida em maio de 2010. Apresenta um ensaio no qual o autor faz uma reflexão sobre os processos de tradução e sobre como a reescrita por parte do tradutor é inevitável. Também coloca como exemplos títulos de grandes ícones literários, mostrando como suas traduções interferiram nos textos originais. Analisa “o ato de tradução como difícil negociação entre uma transparência ideal e a tentação de enganar o leitor que não tem acesso ao texto original” (ASLANOV, 2015, p. 11).

A manipulação da qual o autor trata refere-se ao “único recurso para resgatar o texto traduzido do limbo da interlíngua onde caiu depois de o original ter sido decodificado” (Ibidem, p. 12). O autor desconsidera o conceito de fidelidade, pois o ato de traduzir exige subterfúgios que tornem o texto aceitável para o leitor. Sendo assim, a reescrita do original acontece mesmo quando tradutor e autor são a mesma pessoa. Isso porque, ao traduzir o texto para outra língua, é necessário fazer adaptações linguísticas que façam sentido no idioma para qual se traduz. Segundo Aslanov, esse movimento torna a manipulação um recurso natural entre tradutores, pois “uma língua dita certo tom, certo jeito que é irredutível em outra língua, de modo que o tradutor que se reescreve em outro idioma (mas do que se traduz para ele) tem outro estilo, outro gosto e até outra concepção de mundo” (Ibidem, p. 13).

285

ELEUTÉRIO. *Resenha - A tradução como manipulação*.
Belas Infâncias, v. 6, n. 2, p. 285-291, 2017.

Aslanov considera que “o fator da variabilidade textual está agravado pela instabilidade inerente ao horizonte da tradução da literatura. A obra traduzida vai se alterando à medida que o tempo passa e segundo os países onde ela se propaga (...)” (Ibidem, p. 14). O autor faz uma analogia, comparando a tradução literária e as dosagens exigidas ao se trabalhar na interlíngua, como os droguistas do passado que misturavam os ingredientes para se obter uma nova droga ou como o pesquisador em biogenética, que manipula o código do DNA. Dessa mesma forma, o tradutor “interfere no processo da produção do texto, atribuindo-se prerrogativas e responsabilidades que deveriam tocar só ao autor” (ASLANOV, 2015, p. 15).

A manipulação por parte do tradutor faz perceber que a arte de se traduzir textos literários é uma tarefa de “difícil liberdade”. O imperativo da tradução transparente é quase impossível e “as restrições e limitações que se fazem sentir quando se passa de uma língua para outra são fatores que distorcem o caminho e fazem aparecer a tradução como um discurso ontologicamente oblíquo” (Ibidem, p. 16). O autor fala de liberdade porque o tradutor é barrado pelo limite das regras de ética básicas exigidas na profissão e que existem tantos caminhos que “leva[m] de uma língua para outra que amiúde o problema do tradutor é precisamente a indecisão diante de opções demasiadamente variegadas” (Ibidem, p. 16). Segundo Aslanov, a exigência por uma tradução o mais fiel possível e pela eficácia imediata levam o tradutor a um conceito de fraude que é “inerente a toda situação em que alguém domina os outros com o próprio saber, nesse caso o conhecimento da língua” (Ibidem, p. 17).

Mediante essa concepção que trata o tradutor como falsificador (voluntário ou involuntário) da obra original, Aslanov usa exemplos que evidenciam as implicações pragmáticas fundamentais nas traduções. Um clássico é a tradução da Bíblia, que passou por várias traduções e re-traduções, perdendo ao longo do tempo suas características originais. Por se tratar de textos que promovem o “ensino”, as traduções são aproximativas e a “prioridade da literalidade deu lugar a uma maior margem de criatividade” (Ibidem, p. 22). Sobre esse tipo de tradução especificamente, o autor fala o seguinte:

A reinterpretção cristã dos livros proféticos envolvia uma tentativa de fixação do processo de deriva de um texto ambíguo, já muito afastado da formulação original. Além disso, os primeiros cristãos, ou mais precisamente os redatores dos Evangelhos, manifestaram a vontade de interpretar de modo unívoco a mensagem imprecisa e ambivalente dos oráculos bíblicos. (Ibidem, p. 24)

Esse exemplo de traduções dos textos bíblicos deixa claro que a tradução tem uma função e nunca é inocente. Requer uma luta diária contra negligências e interpretações que

podem resultar em consequências incalculáveis que depois não poderão ser apagadas ou esquecidas. Entre os resultados dessas negligências temos a tradução responsável pela “cristalização de vários mitos cristãos, como a virgindade de Maria ou a pregação de João Batista no deserto” (ASLANOV, 2015, p. 27). Esse é apenas um exemplo clássico de como a tradução exige a manipulação para se adequar a um contexto, valor ou interpretação. A manipulação de textos bíblicos também pode ter sido originada por “escrúpulos exagerados em relação aos antropomorfismos presentes nos textos” (Ibidem, p. 27) ou, mais amplamente “em apresentar o texto sob uma luz mais racional, livrando-o das reminiscências comprometedoras dos velhos mitos cosmogônicos dos paganismos do Oriente antigo” (Ibidem, p. 27).

A tradução como manipulação abrange todo tipo de texto literário e envolve considerações ditadas por diferentes meios e crenças. A honestidade do tradutor estará ligada, além de sua capacidade interpretativa, a considerações políticas. “Uma tradução deliberadamente errada pode funcionar como instrumento poderoso para deslegitimar um grupo, uma nação ou uma religião” (Ibidem, p. 31). A tradução também deve considerar o entendimento das diferenças culturais e o respeito que se deve a elas. E isso também passará pelo filtro interpretativo do tradutor. Segundo Aslanov, “a tradução ou não tradução dos termos de uma cultura estrangeira pode refletir uma diferença fundamental com respeito ao Outro” (Ibidem, p. 35).

Cyril Aslanov aborda também a manipulação do estatuto do texto traduzido. Significa que a “manipulação inerente ao ato da tradução pode ultrapassar o nível microtextual e alcançar o estatuto ontológico de um texto inteiro. Às vezes uma criação original é apresentada como tradução e, ao contrário, um texto traduzido pretende ser um texto original” (Ibidem, p. 39). Segundo o autor, essa camuflagem se dá por diferentes motivos, mas o principal é por questões editoriais. O texto de um autor desconhecido pode provocar desinteresse por parte das editoras e condená-lo à não publicação. O outro motivo (mais delicado) é quando há medo, por parte do autor, o medo da censura (Ibidem, p. 41).

Algumas vezes os textos originais são percebidos como traduções independentemente da vontade de seus autores. “Na zona cinzenta entre os textos originais e as traduções, há vários casos de textos impropriamente percebidos como traduções em razão da origem particular dos seus autores” (sic) (Ibidem, p. 47). Isso acontece quando a obra é escrita em uma língua e a identidade cultural do/a autor/a pertence a outra. Um exemplo é o livro *O*

Profeta, de Khalil Gibran. O livro foi escrito em inglês, mas as características libanesas percebidas implicitamente fazem a obra original parecer uma tradução (Ibidem, p. 47).

Entre as diferentes formas de manipular um texto, há também as manipulações da identidade da língua-fonte ou da língua-alvo. “Em várias situações históricas, o tradutor dissimulou a identidade da língua do texto original que traduzia. A razão dessa mentira sobre a língua-fonte pode se dever a uma atmosfera de suspeição ou de perseguição” (ASLANOV, 2015, p. 51). Quando se trata de manipular a língua-alvo, Aslanov considera as discrepâncias existentes entre língua-fonte e língua-alvo. Se essa discrepância é muito grande “o tradutor precisa manipular o mecanismo da língua-alvo para torná-la capaz de interiorizar o padrão original. Isso acontece durante o processo de tradução de uma língua hegemônica para uma língua em processo de construção” (Ibidem, p. 53). Esse tipo de manipulação não deixa de ser uma “colonização”, pois impõe ao outro a força e o reconhecimento linguístico da língua-fonte.

Entre a variedade de maneiras que existem para se manipular o texto literário, Aslanov também comenta sobre a imitação poética, a promoção do texto mediante sua recriação em outra língua e a apropriação involuntária do texto pelo tradutor. Traz também reflexões sobre a tradução dos títulos (livros, filmes, teatro, etc....). Para o autor, essas traduções “têm suma importância estratégica na comercialização desses produtos culturais” (Ibidem, p. 67). Esse tipo de tradução envolve muitos fatores extralinguísticos que se relacionam com a língua-alvo (Ibidem, p. 67) e busca objetivos claros ao transmitir a mensagem ao seu receptor. “A tradução manipuladora busca levar em conta os pressupostos implícitos que facilitam a compreensão intuitiva da mensagem. Quando se trata de uma fórmula breve ou de um título, essa compreensão precisa ser imediata e subliminar” (Ibidem, p. 68).

Acontece algo parecido, porém menos sutil, na manipulação durante a interpretação simultânea, pois esse é um caminho repleto de situações embaraçosas. “Aparentemente, o tradutor simultâneo pode permitir-se maior margem de manobra que o tradutor do escrito, já que ele tem sempre a liberdade de se corrigir, retificando a própria palavra” (Ibidem, p. 89). Porém, ainda que a retificação seja feita no exato momento do desempenho oral, a repercussão do que foi falado permanece na memória do público, deixando assim um ar de constrangimento.

Isso acontece com mais frequência e torna a tarefa do intérprete ainda mais difícil quando se tem que traduzir discursos de chefes de estado que conhecem a língua oficial do

país e podem entendê-la de maneira razoável. Nesses casos, “o problema do tradutor simultâneo é que sua mediação repercute imediatamente sobre a situação pragmática do discurso. Um erro pode ter consequências irreversíveis sobre a configuração das relações humanas no momento do ato da fala” (ASLANOV, 2015, p.91).

A relação entre os autores dos discursos, o público e o intérprete simultâneo é sempre delicada. Porém Aslanov levanta a seguinte questão: “O que se faria sem os intérpretes simultâneos?” (Ibidem, p. 92). A resposta do autor é que o “papel do tradutor é imprescindível” (Ibidem, p. 93), mas que esse se torna inconveniente quando renuncia a sua neutralidade, que consiste em “não pronunciar uma palavra mais alto que a outra” (Ibidem, p. 93).

O problema apontado por Aslanov é que, na comunicação oral, o tradutor tende a se envolver no discurso e não traduzir somente o “conteúdo denotativo da mensagem, mas também sua dimensão conotativa” (Ibidem, p. 93). O tradutor aumenta a tensão (não propositalmente) empregada no discurso verbal porque “a emoção do texto original se repete duas vezes, o que provoca amiúde uma resposta não menos emocional” (Ibidem, p. 94).

Em contrapartida, “o tradutor que adota um tom demasiadamente inexpressivo neutraliza a implicação afetiva dos interlocutores para se conformar apenas ao conteúdo do discurso” (Ibidem, p. 94). Ele estaria filtrando o conteúdo subjetivo da mensagem não deixando nada além das transposições de palavras, o que também é muito ruim, por serem parte da comunicação verbal as tonalidades das falas e a ênfase que orador dá ao seu discurso na tentativa de valorizar ou menosprezar uma ideia. O tradutor tem a difícil tarefa de encontrar um meio termo para que o público tenha acesso à mensagem original e fique o mais próximo possível dela.

Aslanov (2015, p. 103) considera que “o caráter manipulador de qualquer tradução, escrita ou oral, está intimamente relacionado com a distância entre as línguas ou, talvez, com o fato de os tradutores costumarem saber a língua-alvo melhor que língua-fonte”. Isso resultaria em uma resolução maior na língua-alvo, ainda que os tradutores não conheçam todos os detalhes da língua-fonte. O fato de não conhecerem bem a língua-fonte é complicado e comprometedor, pois faz com que o tradutor arrisque e dilua as características do texto traduzido (Ibidem, p. 103). Porém Aslanov (2015, p. 104) faz a seguinte pergunta: “Será que a situação ideal de um perfeito bilíngue com nível absolutamente idêntico nas duas línguas postas em contato pelo ato da tradução permitiria evitar essa desproporção que os esforços

manipuladores procuram dissimular de maneira desonesta, mais que verdadeiramente expor e corrigir?”.

O autor considera que talvez algum dia seja possível que os tradutores tenham, nas línguas que se propõem traduzir, os mesmos conhecimentos que possuem nas línguas maternas. O problema principal “na interface entre as línguas é que nunca há equivalência perfeita entre os termos de duas línguas, assim como em uma mesma língua a sinonímia absoluta não existe” (ASLANOV, 2015, p. 104). Aslanov conclui que o ideal é que o leitor prefira sempre o original a uma tradução. Entende que o fator tempo é importante, pois é difícil adquirir habilidade leitora suficiente para se ler em línguas diferentes da língua materna (Ibidem, p. 104). Se os leitores se limitassem a ler somente na língua na qual são fluentes, suas opções de leitura estariam demasiadamente limitadas.

290 Sendo assim, nós, leitores, temos que considerar e relevar as imperfeições das traduções, principalmente de grandes cânones da literatura mundial. Toda tradução está sujeita a manipulações, pois como afirma o teórico André Lefevere (2007, p. 14), a reescritura do texto literário é a força motriz pela qual se dá sua evolução. O importante é ter consciência de que o texto lido é uma tradução. E esse texto passou pela interpretação e subjetivação de um tradutor, ou seja, “o leitor não profissional mais frequentemente deixa de ler a literatura tal como foi escrita pelos seus autores, mas lê a reescrita por seus reescritores” (LEFEVERE, 2007, p. 18).

Sem os tradutores, o repertório literário da maioria dos leitores seria extremamente limitado. Aconselha-se que, ao ler uma tradução, o leitor esteja consciente de que houve, no processo de se traduzir, interferências, escolhas, interpretações e manipulações para se obter o resultado final. Cabe ao leitor insatisfeito procurar por mais traduções da mesma obra. Rer ler a obra feita por diferentes tradutores e, se possível, em diferentes línguas. Assim poderá ter um panorama maior das interpretações dadas ao texto original e também aumentar seu próprio repertório linguístico e cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Editora EDUSC, 2007, 263p.

RECEBIDO EM: 04 de maio de 2017

ACEITO EM: 25 de maio de 2017

PUBLICADO EM: dezembro de 2017

¹ Rosangela Fernandes Eleutério – Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Licenciada em Letras – Espanhol (2015) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4894141789830583> E-mail: rosangelaeleuterio@gmail.com